



**ELISANDRA SÁ BEZERRA  
CLAUDIANA JUSTINO DE PAULA  
LUCILENE SILVA DE OLIVEIRA**

**PROMOÇÃO DE SAÚDE PARA ADOLESCENTES NO CONTEXTO DA  
AIDS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

**FORTALEZA  
2018**

**ELISANDRA SÁ BEZERRA  
CLAUDIANA JUSTINO DE PAULA  
LUCILENE SILVA DE OLIVEIRA**

**PROMOÇÃO DE SAÚDE PARA ADOLESCENTES NO CONTEXTO DA  
AIDS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção de título de Bacharel em  
Enfermagem da Faculdade Ateneu.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ms. Francisca Juliana  
Grangeiro Martins

**FORTALEZA  
2018**

P324p Paula, Claudiana Justino de.

Promoção de saúde para adolescente no contexto da AIDS:  
revisão bibliográfica. / Claudiana Justino de Paula; Lucilene Silva  
de Oliveira; Elisandra Sá Bezerra. -- Fortaleza: FATE, 2018.

21f.

Orientador: Profa. Ms. Francisca Juliana Granjeiro Martins  
TCC (Bacharelado em Enfermagem) – FATE, 2018.

# PROMOÇÃO DE SAÚDE PARA ADOLESCENTES NO CONTEXTO DA AIDS:

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

*(PROMOTION OF HEALTH FOR ADOLESCENTS IN THE CONTEXT OF HIV:*

*LITERATURE REVIEW)*

Elisandra Sá Bezerra<sup>1</sup>

Claudiana Justino De Paula<sup>2</sup>

Lucilene Silva De Oliveira<sup>3</sup>

Francisca Juliana Grangeiro Martins<sup>4</sup>

### RESUMO

Uma das populações atingidas e que apresenta peculiaridades relacionadas à epidemia de AIDS no Brasil é a faixa etária entre os 10 e 19 anos. Os profissionais de saúde, principalmente o enfermeiro, podem atuar na promoção da saúde e prevenção de doenças, como a AIDS, através de abordagens didáticas. Este estudo tem como objetivo identificar e analisar como atua o profissional de Enfermagem na promoção da saúde no âmbito da AIDS para o público adolescente. Trata-se de um estudo do tipo revisão bibliográfica. Os dados foram pesquisados de março a maio 2018, nas bases de dados LILACS, SCIELO e BDNF com uso das palavras-chave: Adolescente; Doenças Sexualmente Transmissíveis; Síndrome de Imunodeficiência Adquirida; Prevenção de Doenças; Cuidados de Enfermagem. A análise dos dados se deu por leitura e interpretação dos artigos e estabelecendo categorias para apresentar os achados. Foram encontrados na busca o número de 73 artigos, 24 (vinte e quatro) artigos na base de dados SCIELO, 15 (quinze) artigos na BDNF e 34 (trinta e quatro) na base de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão apenas 06 artigos foram selecionados para serem analisados pelo estudo. Foi possível observar que os fatores de risco para IST's e AIDS em adolescentes estão relacionados às dificuldades ligadas ao uso ou não de preservativos, os conhecimentos sobre AIDS deficientes e que o enfermeiro pode atuar para promover saúde e prevenção de IST e AIDS na adolescência.

**Palavras – chave:** Enfermagem. AIDS. IST. Adolescência.

---

1. Acadêmica de Enfermagem da Faculdade Ateneu. E-mail: elisandrasa\_@hotmail.com

2. Acadêmica de Enfermagem da Faculdade Ateneu. E-mail: claudianajustino85@gmail.com

3. Acadêmica de Enfermagem da Faculdade Ateneu. E-mail: lucieneso@hotmail.com

4. Enfermeira. Mestra em Enfermagem. Professor do curso de Enfermagem da Faculdade Ateneu. E-mail: ju\_grangeiro@hotmail.com

## **ABSTRACT**

One of the stricken populations and which presents peculiarities related to the AIDS epidemic in Brazil is the age group between 10 and 19 years. Health professionals, especially nurses, can act on health promotion and prevention of diseases, such as AIDS, through didactic approaches. This study aims to identify and analyze how the Nursing Professional in health promotion in the context of AIDS for the teenage audience. This is a study of type review. The data was surveyed from March to may 2018, in the databases LILACS, SCIELO and BDEF with use of keywords: teen; Sexually Transmitted Diseases; Acquired immunodeficiency syndrome; Prevention of diseases; Nursing care. Data analysis occurred by reading and interpretation of articles and categories to present the findings. Form found in the search the number of articles 73, 24 (twenty four) articles in the SCIELO database, 15 (fifteen) articles on BDEF and 34 (34) in the database LILACS (Latin American literature and the Caribbean Health Sciences). After the application of the inclusion and exclusion criteria only 06 articles were selected to be analyzed by the study. It was possible to observe that the risk factors for STI's and AIDS in adolescents are related to difficulties linked to the use of condoms, the knowledge about AIDS disabled and that the nurse can act to promote health and the prevention of STIS and AIDS in adolescence

**Keywords:** Nursing. AIDS. IST. Adolescence.

## 1. INTRODUÇÃO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) é uma doença causada pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), que atinge as células do sistema imunológico que são os linfócitos TCD4+, alterando seu DNA para fazer sua multiplicação. Depois desse processo esses linfócitos são rompidos e os vírus liberados invadem outras células, diminuindo assim a capacidade do sistema de defesa do organismo da pessoa infectada. A transmissão ocorre de muitas maneiras, como por exemplo, através do compartilhamento de seringas contaminadas, de mãe pra filho durante a gravidez e amamentação e pelas relações sexuais desprotegidas (BRASIL, 2017).

Sabe-se que desde o surgimento da AIDS, houve vários esforços para a diminuição do número de mortes por essa doença, mas atualmente não se observa uma diminuição deste percentual. No Brasil, ela é um grave problema de saúde pública, uma epidemia que atinge diferentes seguimentos da população, principalmente adultos jovens e pessoas em situação de pobreza (BRASIL, 2017).

Uma dessas populações atingidas e que apresenta peculiaridades relacionadas à epidemia de AIDS no Brasil é a faixa etária entre os 10 e 19 anos, período que compreende a fase da adolescência, pelo fato de iniciarem a vida sexual muito cedo, como também o uso de preservativos ainda ser muito baixo entre eles, tornando-os pessoas mais vulneráveis a essa infecção (TAQUETE et al., 2017).

Existem cerca de 34 milhões de pessoas vivendo com o vírus HIV-AIDS, cuja pandemia encontra-se em franca expansão, configurando-se num desafio aos diversos setores sociais, quanto às medidas de controle das susceptibilidades ligadas aos aspectos individuais e contextuais de exposição ao vírus. Estimativas apontam que, entre os infectados, mais de 10 milhões encontram-se na faixa etária entre 15 a 24 anos e a taxa de prevalência da população jovem apresenta tendência de aumento (PEREIRA, 2017).

O grupo, mais precocemente, acometido por via sexual direta são os adolescentes de 13 a 19 anos e adultos jovens de 20 a 24 anos com HIV possivelmente adquirido na adolescência, evidenciando a importância da população de 13 a 24 anos nas estratégias de proteção, prevenção e controle (PEREIRA, 2017).

Nesse sentido, é de suma importância a escolha desse tema; visto que, os adolescentes têm demandado uma atenção mais efetiva das políticas públicas e das ações de saúde.

Os profissionais de saúde, principalmente o enfermeiro, podem atuar na promoção da saúde e prevenção de doenças, como a AIDS, através de abordagens didáticas, desmistificando alguns conceitos e valores que existem em torno desse assunto, pois embora os adolescentes tenham algum conhecimento elementar sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e AIDS, ainda carecem de uma educação efetiva que traga habilidades capazes de modificar e melhorar o comportamento frente à essas doenças (LUNA et al, 2012).

Neste cenário, a seguinte indagação é feita: Quais as ações de promoção da saúde no contexto da AIDS realizadas pelos enfermeiros voltadas para o público adolescente?

Este estudo se justifica pela necessidade de conhecer as ações de promoção da saúde para os adolescentes, no contexto da AIDS; uma vez que, é um tema bastante explorado e sempre com novas evidências.

Este estudo tem como objetivo identificar e analisar como atua o profissional de Enfermagem na promoção da saúde no âmbito da AIDS para o público adolescente.

Delimitam-se os seguintes objetivos específicos: demonstrar a AIDS outras IST's como sério problema de saúde pública; refletir sobre as principais características da adolescência e avaliar na literatura como se efetiva a intervenção do enfermeiro na prevenção das IST e AIDS junto aos adolescentes.

## **2. COMPREENDENDO A ADOLESCÊNCIA**

A adolescência trata-se da etapa da vida de maior vulnerabilidade, na qual o indivíduo experimenta novos comportamentos; dentre os quais, a experiência e uso abusivo de drogas, considerando que, neste momento crítico para o desenvolvimento de aptidões pessoais e interpessoais, e conquista de capacidades para a tomada de decisões. O uso de drogas se apresenta como uma maneira de lidar com as circunstâncias problemáticas. Nesse momento de vida, o adolescente busca novas atitudes, colocando-se em grupos pessoais, nos quais passa a ter relações de amizade, com pessoas diferentes do seu grupo familiar (FREIRE; GOMES, 2012).

A adolescência é explicada como um estágio do desenvolvimento humano, com significados específicos, a partir dos quais se colocariam necessidades de saúde que se relacionam à conjuntura social, cultural e familiar em que estão inseridos (SALOMÃO, 2007).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2004) o adolescente é todo o indivíduo entre 10 e 19 anos. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), este é considerado o indivíduo entre 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 2013).

As diferentes demarcações da faixa etária que determinam o período da adolescência são irrelevantes no que se referem às transformações, modificações biológicas, psicológicas e sociais que acontecem neste momento de vida (TIBA, 1994).

Conforme a realidade em que estão inseridos, os adolescentes passam a viver essa fase antes dos 10 anos, sem fim demarcado com exatidão. Muito embora seu início possa ser definido pelas mudanças biológicas seja no início da maturação sexual, determinada como puberdade, são os aspectos socioeconômicos que determinam a sua conclusão, a partir do momento em que o adolescente passar a ser economicamente independente da família. Assim sendo, este período pode ser mais curto ou pode se prolongar (TIBA, 1994).

A adolescência é como um segundo parto, no qual a criança nasce da família para a sociedade, significando que o modo de sentir, viver, pensar e agir dos pais diante da vida será determinante para a constituição deste adolescente e sua passagem para a idade adulta, em que ele fará suas próprias escolhas a partir de suas vivências no âmbito familiar (TIBA, 1994).

O termo adolescência diz respeito ao processo de desenvolvimento psicológico correlacionado com os mecanismos de crescimento físico, definidos pelo termo puberdade. Contudo, este período varia de acordo com a cultura e está abrangendo períodos cada vez maiores, podendo se estender até os 22 anos ou mais, idade na qual se considera que o indivíduo seja apto a estabelecer sua identidade pessoal (HERBERT, 1999).

O adolescente pode ser definido ainda como um indivíduo com o corpo na puberdade e a mente descobrindo o pensamento, mas que não se pode precisar o início da puberdade, pois cada pessoa se desenvolve de forma individual e progressiva, podendo começar aos oito ou aos onze anos (GHERPELLI, 1998).

As mudanças cognitivas, físicas, biológicas, emocionais e sociais vivenciadas pelos adolescentes se relacionam à fase da vida em que passam a incorporar novas práticas, comportamentos e avanços para uma vida autônoma, mas são estes mesmos aspectos que expõem os adolescentes a diversas situações de risco a saúde e a vida dos adolescentes (FARIAS, 2004).

### **3. AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E A ADOLESCÊNCIA**

Desde seu aparecimento no Brasil, na década de 1980 a infecção pelo vírus da imunodeficiência adquirida (HIV/AIDS), têm sido causa de apreensão por parte de pesquisadores e profissionais de saúde. Em princípio, essas infecções ocorriam em grupos peculiares da população, como pessoas que mantinham relações homossexuais e homens de alto nível socioeconômico. Contudo, têm-se observado uma mudança na incidência dessas afecções, na qual observa-se que adolescentes de 13 a 19 anos passam a ser ênfase, sendo responsáveis por grande parte dos episódios na contemporaneidade (TAQUETTE et al, 2011).

Os adolescentes vêm demonstrando transformações na conduta sexual, de forma que suas atividades sexuais vêm se iniciando cada vez mais precocemente, originadas pela curiosidade e reforçadas pela demanda de afirmação de sua autonomia, sendo a primeira relação sexual o comportamento mais utilizado por esse segmento etário. Entretanto, essa população tem principiado as práticas sexuais sem orientações indispensáveis para que estas sejam perpetradas de forma segura, o que os tornam um alvo fácil ao acometimento de ISTs/HIV/AIDS (COSTA et al., 2013).

A falta de conhecimento, aliada à ausência de interesse em adotar métodos preventivos para as relações sexuais, são fatores que exercem forte influência na vulnerabilidade dos jovens diante das afecções supracitadas. Muitos adolescentes não usam ou empregam inadequadamente o preservativo, fundamental instrumento de prevenção às ISTs/HIV/AIDS e a gravidez não planejada, o que colabora para a ampliação do número de casos dessas infecções entre esse segmento da população (DOS ANJOS et al, 2012).

Deste modo, dados do Ministério da Saúde, expressados por meio do Boletim Epidemiológico HIV/AIDS – 2014 revelam que entre 2004 a 2013 teve um aumento de 53,2% na taxa de detecção de HIV/AIDS em adolescentes do sexo masculino de

15 a 19 anos. Nas mulheres da mesma idade, o acréscimo foi de 10,5% na taxa de detecção, no mesmo período (BRASIL, 2014).

#### **4. AIDS: um grave problema de Saúde Pública**

O primeiro caso notificado de infecção pelo vírus HIV foi em 1959, na República do Congo. Na época, a morte do indivíduo não foi considerada suspeita, porque ele apresentava uma alteração sanguínea hereditária, comum naquela região. (CICHOCKI, 2009).

A sistematização da pesquisa sobre a doença ocorreu em 1981, nos Estados Unidos, o que ocorreu em decorrência do surgimento de doenças raras como a pneumonia causada pela bactéria *Pneumocystis carinii* em pacientes masculinos homossexuais, cujo sistema imunológico encontrava-se profundamente debilitado embora a inexistência de doenças imunossupressoras prévias. (CICHOCKI, 2009).

Em 1982, os pesquisadores conseguiram chegar ao “paciente zero”, Gaetan Dugas, que foi o responsável pela difusão do vírus na América do Norte. Contudo, contribuiu com as investigações, repassando nomes e telefones de seus parceiros. Foi através da lista de contatos fornecidos por Dugas, que os epidemiologistas do *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC) descobriram que 40 dos primeiros pacientes homossexuais masculinos diagnosticados com AIDS nos Estados Unidos haviam tido relações sexuais com Dugas (CICHOCKI, 2009).

A equipe do cientista francês Luc Montagnier, do Instituto Pasteur, de Paris, descobriu o vírus em 1984. Aparece, então, a primeira prova clínica da doença e, em 1986, sucede a identificação e o isolamento do tipo 2 do vírus HIV. Apesar desse ser encontrado em todo o mundo, seu predomínio é maior nos países africanos (GAPA, 2013).

No ano de 1987, a zidovudina, comumente conhecida como AZT, mostrou-se extraordinariamente eficaz na guerra contra o HIV, dando princípio ao tratamento de uma doença que, até então, era fatal (CICHOCKI, 2009).

Hoje, existem 21 diferentes tipos de drogas empregadas no controle da infecção pelo HIV. E, para que o tratamento seja o mais eficaz possível, é indispensável a combinação de três tipos de medicamentos, usados diariamente (BRASIL, 2014).

Durante parte da década de 1980, quando ainda não havia muito conhecimento acerca da infecção nem de como ocorria sua transmissão,

representando os grupos mais diagnosticados nos Estados Unidos: homossexuais, hemofílicos, *hookers* (prostitutas), heroínômanos (usuários de heroína injetável) e haitianos (BRASIL, 2013).

Tal denominação, ao lado da adoção da terminologia "grupo de risco", colaborou muito para a ampliação de uma intensa crença de que o vírus só alcançava esse segmento da população (CICHOCKI, 2009).

Apesar dos nítidos progressos na elucidação da população no que diz respeito à prevenção e ao tratamento, acredita-se que existam hoje em dia cerca de 33 milhões de pessoas infectadas com o vírus no mundo inteiro. Sendo que desse número, cerca de 97% são residentes do continente africano, principalmente na região subsaariana (UNIAIDS, 2012).

No Brasil, o primeiro caso comprovado de HIV aconteceu na cidade de São Paulo, em 1982. O grau de mortalidade e a celeridade com a qual a doença se espalhava fizeram com que fosse criado, em 1984, o primeiro programa de controle da AIDS no Brasil através da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. Um ano depois, em 1985, é criado o Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS (GAPA), considerado a primeira organização não governamental (ONG) na luta contra o HIV/AIDS da América Latina. (PONTES, 2012).

O governo brasileiro tem um papel de evidência no combate ao HIV/AIDS no País, realizando sucessivas campanhas de conscientização do uso de preservativos nas relações sexuais, bem como disseminando gratuitamente esses preservativos, principalmente durante festas populares. Uma das mais importantes ações do governo, contudo, foi a quebra das patentes dos medicamentos antirretrovirais, permitindo sua distribuição gratuita, através do Sistema Único de Saúde, para os pacientes infectados (LEVIA; VITORIA, 2003).

Em junho de 2010, já se contabilizam 592.914 casos de indivíduos convivendo com o vírus, sendo que, em dezembro de 2012, havia 313 mil pessoas recebendo regularmente o medicamento via SUS. Considerando-se que até pouco tempo antes o medicamento era administrado exclusivamente quando a contagem das células CD4 atingia menos de 350 células/mm<sup>3</sup>, pode-se concluir que existem muitos pacientes contaminados com o vírus que não se encontram nas estatísticas oficiais atinentes ao uso da medicação (PONTES, 2012).

É importante lembrar que o sucesso das ações do governo não seria possível sem o trabalho das mais diversas ONGs que se expandiram no País, responsáveis

por ações de cunho educativo, preventivo e que buscam diminuir o estigma social pertinente ao HIV/AIDS (LEVIA; VITORIA, 2003).

Apesar do extraordinário trabalho realizado pelas instituições em todas as esferas, o estigma social que rodeia a questão HIV/AIDS ainda é intenso, colaborando para a ausência de apoio social encarada pelos pacientes. Por isso que o suporte social tem grande relevância na adesão ao tratamento e na conservação da qualidade de vida dos pacientes soropositivos (CARVALHO, et al., 2007)

O medo do vírus, cuja infecção até hoje permanece sem cura, exerce uma imensa influência no estabelecimento de estigmas sociais relacionados aos portadores do HIV. Apesar da mudança do termo "grupo de risco" para o termo "comportamento de risco", o estigma dos "cinco Hs" ainda se mantém (CASTANHA, et al., 2006).

Além disso, é comum que haja uma responsabilização do portador pela sua condição por meio das crenças morais ou religiosas de que a contaminação seria um castigo, uma consequência dos desvios morais e das falhas cometidas pelo indivíduo (SUIT; PEREIRA, 2008).

A estigmatização dos pacientes infectados pelo vírus ocorre inclusive por parte de profissionais de saúde, os quais precisam lidar com seus próprios preconceitos ao tratar esses pacientes.

A estigmatização pode causar sérios prejuízos de saúde, tanto de ordem física como mental, àqueles indivíduos pertencentes ao grupo estigmatizado. No caso do portador do HIV, o estresse oriundo do estigma social pode ter sérias consequências devido à potencialização dos prejuízos ao sistema imunológico, além de elevar as chances de abandono do tratamento (MAJOR; O'BRIAN, 2005).

Com a confirmação do diagnóstico, o indivíduo se percebe diante de uma situação nova, geralmente assustadora, cujo enfrentamento demandará o máximo de apoio. No entanto, é comum que o paciente não revele de imediato sua soropositividade para amigos e familiares por medo de que estes se afastem. Esconder a condição de portador do vírus HIV demanda energia, tempo e, sobretudo, potencializa condições como ansiedade e depressão, sendo um importante causador de estresse para essa população (LOPES; FRAGA, 1998).

## **5. METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo revisão bibliográfica. Os dados foram pesquisados de março a maio 2018, nas bases de dados LILACS, SCIELO e BDNF com uso das palavras-chave: Adolescente; Doenças Sexualmente Transmissíveis; Síndrome de Imunodeficiência Adquirida; Prevenção de Doenças; Cuidados de Enfermagem.

Como critério de inclusão, foram selecionados os artigos que estivessem publicados na íntegra em idioma português e em consonância com a temática. Foram excluídos trabalhos como teses, dissertações, livros e capítulos de livros sendo selecionados sete artigos científicos.

O processo e análise de dados se deu por meio da leitura e interpretação dos artigos através das etapas seguintes: identificação do tema, delimitação do tema, seleção das questões norteadoras, estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão, análise e interpretação de dados e apresentação dos resultados. O período selecionado para os estudos publicados foram os últimos cinco anos (2013-2017).

Os artigos foram organizados em categorias conforme a abordagem temática e serão discutidos dentro de cada categoria.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Formam encontrados na busca o número de 73 artigos, 24 (vinte e quatro) artigos na base de dados SCIELO, 15 (quinze) artigos na BDNF e 34 (trinta e quatro) na base de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão apenas 06 artigos foram selecionados para serem analisados pelo estudo.

Ao ser realizada uma avaliação inicial dos artigos, eles foram comparados entre si, na procura de critérios de semelhança ou diferença.

Logo após, os dados alcançados foram registrados no quadro 01 abaixo que traz as seguintes informações: autor/ano, objetivo do estudo, metodologia e resultados, que facilitou a síntese e a comparação entre os dados obtidos, além de permitir uma interpretação mais objetiva dos mesmos.

Autor/Ano	Objetivo	Metodologia	Resultados
-----------	----------	-------------	------------

Santos et al., 2017.	Descrever a importância do enfermeiro assistencial, como educador social para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis entre os adolescentes.	Estudo descritivo de revisão bibliográfica que inicialmente selecionou trinta artigos em português publicados entre 2012 a 2016.	A construção de vínculos facilita a gestão do cuidado, deve-se promover segurança, intimidade e empatia, para garantir ao adolescente confiança para expor suas dúvidas e compartilhar dos assuntos mais íntimos.
Almeida et al., 2017.	Investigar o conhecimento de adolescentes relacionado às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), AIDS e gravidez, além de conhecer a compreensão sobre o papel da escola na educação sexual.	Estudo qualitativo, descritivo, desenvolvido por meio de entrevista semiestruturada e formulário para caracterização dos participantes, com 22 adolescentes entre 16 e 19 anos de idade, estudantes do Ensino Médio em uma escola pública. Os dados foram submetidos a análise de conteúdo.	Da análise emergiram quatro categorias temáticas: Sexualidade e educação sexual; Compreensão de comportamentos de risco; Conhecimento de IST/AIDS; Conhecimento e práticas de prevenção.
Amora et al., (2015).	Refletir sobre o risco de contágio por uma IST pelos adolescentes.	Trata-se de um estudo reflexivo que emergiu da disciplina Enfermagem em doenças transmissíveis do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Amapá no semestre 2014.2.	Observa-se nessa reflexão que as situações de vulnerabilidade dos adolescentes às IST relacionam-se a dificuldades para usar preservativos, baixa escolaridade, conhecimentos e informação sobre IST deficientes, fatores culturais e a falta de orientações.

Moreira et al., 2015.	Relatar a experiência de educação em saúde vivenciada por estudantes da graduação em enfermagem de uma IES de Teresina-PI	Trata-se de um relato de experiência realizado em abril de 2015 em uma escola pública municipal teresinense, sendo realizadas ações de educação em saúde, enfocando sexualidade, gravidez e prevenção de IST/HIV/AIDS.	Os adolescentes se mostraram interessados nos conteúdos trabalhados, mas foi evidente o baixo grau de conhecimento em relação aos métodos contraceptivos e prevenção de IST, devido à ausência de orientações na escola e na família, deixando-os ainda mais vulneráveis.
Oliveira et al., 2013.	Avaliar as ações/estratégias utilizadas pelos enfermeiros das Unidades de Saúde da Família do município de Caruaru - PE, voltadas para o adolescente na perspectiva da promoção da saúde dessa faixa etária.	Trata-se de um estudo transversal, descritivo com abordagem quantitativa. A coleta de dados foi realizada através de questionário autoaplicável com os enfermeiros atuantes nas Unidades de Saúde da Família das zonas rural e urbana do município de Caruaru - PE.	Os dados evidenciaram que os enfermeiros pesquisados possuem uma boa compreensão dos conceitos de promoção da saúde e da importância da interdisciplinaridade e de sua efetividade na adolescência. Além disso, várias são as dificuldades apontadas para a realização das atividades.
Flora et al., 2013.	Analisar a eficácia das intervenções de educação sexual a nível do conhecimento/attitudes/comportamentos dos adolescentes	Foi realizada uma revisão sistemática da literatura (RSL), feita pesquisa na base de dados MEDLINE e no alojador EBSCO, considerando a bibliografia publicada entre janeiro de 2008 e novembro de 2010. Dos 533 artigos pesquisados foram selecionados 13 estudos primários.	Os resultados relataram um aumento do conhecimento dos adolescentes sobre esta problemática e referiram uma melhoria nas suas attitudes/comportamentos face à exposição a condições de risco.

A análise dos artigos foi realizada a partir de critérios escolhidos sobre o ponto de vista da promoção da saúde na adolescência no âmbito da IST's. Dessa forma, a seguir são descritas as 03 (três) categorias elaboradas para realizar a discussão: sexualidade na adolescência, fatores de risco para IST's e o acolhimento

e estratégias desenvolvidas pelos profissionais de saúde para reduzir as vulnerabilidades relacionadas à prática desprotegida do sexo entre adolescentes.

### **6.1 Sexualidade na adolescência**

A adolescência é um período da vida em que ocorrem mudanças nos aspectos biopsicossociais dos indivíduos. Sabe-se que nesta fase a busca por novas experiências tornam-se constante, sendo em algumas ocasiões atividades que envolvem a vulnerabilidade aos riscos relacionados à saúde destes indivíduos (AMORAS et al. 2015).

Diante de todas as mudanças corporais e psicológicas, destacam-se ainda as mudanças relativas ao relacionamento afetivo e a sexualidade. Ou seja, a incessante busca pelo novo, a curiosidade e a sensação de invulneráveis associados às condições socioeconômicas e pouca experiência propiciam aos adolescentes a exposição aos riscos principalmente relacionados à sexualidade, mais especificadamente às infecções sexualmente transmissíveis (MOREIRA et. al. 2015).

A adolescência está situada entre a infância e a vida adulta, e é nesse período que acontece a descoberta da sua sexualidade; do indivíduo como si, da auto imagem; escolha sexual e atração pelo sexo oposto ou pelo mesmo sexo; sendo importante nessa etapa as orientações para se prevenir as doenças recorrentes dos atos sexuais sem as devidas medidas de segurança (AMORAS et al. 2015).

Sob este ponto de vista, complementam que todas essas transformações biopsicossociais tornam muito presentes a díade vulnerabilidade/risco, decorrente tanto de alterações internas, quanto externas (OLIVEIRA et al., 2013).

O início precoce da vida sexual ativa também constitui um fator importante para a transmissão das infecções, devido ao conhecimento insuficiente. Além desses fatores pode-se citar as barreiras dos profissionais de saúde para implantação de programas voltados para esta classe, devido a diversos fatores como os aspectos familiares e religiosos (SANTOS et al., 2017).

Complementam ainda que é de suma relevância que se atente para a sexualidade dos adolescentes, e que essa atenção pode colaborar para reduzir problemas no que diz respeito a sua vida pessoal e social. Nesse contexto, ressalta-se o papel fundamental da escola na educação sexual visto ser esse o ambiente

adequado para a aprendizagem não só da anatomia e da fisiologia do corpo humano, mas também para os métodos de prevenção da gravidez precoce e das ISTs (ALMEIDA et al.,2017).

No entendimento de Oliveira et al. (2013), no âmbito da sexualidade, os resultados confirmam que a saúde reprodutiva vem ganhando certa visibilidade na atenção primária em saúde, sendo bem trabalhada e apresentando uma distribuição quase equânime no que se refere a métodos contraceptivos, IST's e gravidez na adolescência. Contudo, existem outras temáticas pouco exploradas, como os distúrbios menstruais e outros.

## **6. 2 Fatores de risco para IST's**

Os adolescentes iniciam sua vida sexual muito precocemente e em grande parte sem o mínimo de informações sobre o tema, de acordo com eles a ausência de diálogo com os pais é o principal fator para a prática sexual sem segurança (SANTOS et. al. 2017).

Um dos fatores que mais contribuem para a prática de sexo sem segurança é a falta de diálogo entre pais e filhos sobre tais questões, relatado pelos próprios adolescentes. Segundo os autores, pais e filhos têm muita dificuldade em dar início a conversas sobre este tema. Além do mais, os adolescentes sentem constrangimento ou têm medo de desaprovação dos pais que se acham despreparados e desajeitados para abordar estas questões (MOREIRA et al., 2015).

Vários adolescentes não usam o preservativo usando como desculpa o incômodo ou o fato de que seu uso torna o ato sexual menos prazeroso, deixando de lado o preservativo, para sentir “prazer”, ou inclusive, muitos desconhecem a forma de utilizá-lo, tanto o feminino quanto o masculino, já que em muitos casos não são orientados em como colocar o preservativo no momento da relação sexual (AMORAS et al., 2015).

## **6.3 Estratégias desenvolvidas pelos profissionais de saúde para reduzir as vulnerabilidades relacionadas à prática desprotegida do sexo entre adolescentes**

Dentre as estratégias desenvolvidas para tratar da educação sexual com os adolescentes, as metodologias lúdicas podem servir como forma de estratégia de adesão aos conteúdos abordados. Assim, faz-se imprescindível a abordagem e

alerta sobre os métodos preventivos não somente a gravidez, mas também contra as infecções sexualmente transmissíveis, buscando valorizar a utilização do preservativo tanto feminino quanto do masculino (SANTOS et. al., 2017).

Embora a orientação sexual de adolescentes seja um assunto bastante abordado na contemporaneidade, no ambiente escolar não é tão fácil de ser trabalhado, uma vez que abrange a escola, os educadores, a família e o próprio adolescente. Deste modo, a enfermagem inserida nessa conjuntura tem uma função de grande relevância na difusão de conhecimentos sobre a prevenção de IST, AIDS e gravidez indesejada, dentre outras demandas dos adolescentes (ALMEIDA, et al.2017).

A equipe de Enfermagem poderá assistir e cuidar tanto do adolescente como de sua família através de aconselhamento, troca de ideias, esclarecimentos e ações que possam prevenir problemas, tornando esta etapa de vida mais saudável, segura e harmoniosa. Visto que esta equipe está habilitada a desenvolver ações de educação em saúde, portanto, poderá planejar e programar ações que favoreçam a saúde do adolescente e também que apoiem sua família, pois é neste período que os pais apresentam grande dificuldade para interagir com os filhos, principalmente no que se refere à sexualidade (MOREIRA, et al. 2015).

A enfermagem tem um papel fundamental na saúde dos adolescentes e no ambiente educacional, realizando um diagnóstico da necessidade desse público, dessa forma ela conhece as suas principais indagações em relação à saúde sexual. A função da enfermagem é promover a prevenção e a promoção da saúde e a arte de cuidar das pessoas em todo o seu ciclo vital (AMORAS, et al., 2015).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi possível observar, através deste estudo, que os fatores de risco para IST's e AIDS em adolescentes estão relacionados às dificuldades ligadas ao uso ou não de preservativos, os conhecimentos sobre AIDS deficientes, fatores culturais (como a presença ou ausência de dialogo entre filhos e pais) e a falta de orientações.

Ressalta-se que a abordagem da temática saúde sexual dos adolescentes na contemporaneidade é de suma relevância, já que esse segmento da população é considerado um grupo de risco no que se refere às infecções sexualmente

transmissíveis; uma vez que, o adolescente por vivenciar passa mudanças físicas e psicossociais, também passa por conflitos interpessoais e curiosidades a respeito do ato sexual, e junto a ele as novas sensações de prazer, que acontecem de forma irresponsável e insegura, colocando em risco a sua saúde.

É importante ainda enfatizar a participação de uma equipe multidisciplinar no processo de Educação em saúde dos adolescentes favorecendo uma atenção integral ao mesmo. Deste modo é importante debater estratégias que tenham como finalidade a redução de adolescentes acometidos por IST/AIDS e que permita maior participação dos mesmos nos serviços de saúde; bem como a capacitação para atendê-los de forma que seja garantida uma assistência de qualidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA et . al. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **RevBras Enferm.** 2017;70(5):1033-9.

AMORAS et al. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP** Macapá, v. 8, n. 1, p. 163-171, jan.-jun. 2015. <http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs>

ANJOS, R. H. D; SILVA, J. A. S; VAL, L. F; RINCON, L. A; NICHATA, L. Y. I. Diferenças entre adolescentes do sexo feminino e masculino na vulnerabilidade individual ao HIV. **Rev. Esc. Enfermagem USP**; vol.46; n° 4; pg. 829-837; São Paulo – SP; Ago. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S00802342012000400007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S00802342012000400007&script=sci_arttext).

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **DST, AIDS e hepatites virais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em:<<http://www.aids.gov.br/>>.

BRASIL. 27<sup>a</sup> semanas epidemiológicas. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Brasília . 01 dez. 2014. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/publicacao/2014/boletim-epidemiologico-2014>.

CARVALHO, C. V., MERCHÁN-HAMANN, E., & MATSUSHITA, R. Determinantes da adesão ao tratamento anti-retroviral em Brasília, DF: Um estudo de caso-controle. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, 2007. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0037-86822007000500013>>.

CASTANHA, A. R., COUTINHO, M. de P. de L., SALDANHA, A. A. W., & RIBEIRO, C. G. Aspectos psicossociais da vivência da soropositividade. **Psico**, 2006.

CICHOCKI, M. **Living with HIV: A patient's guide**. North Carolina: Mac Farland& Company, 2009.

COSTA, A. C. P. J; LINS, A. G; ARAÚJO, M. F. M; ARAÚJO, T. M; GUBERT, F. M; VIEIRA, N. F. C. Vulnerabilidade de Adolescentes Escolares às DSTs/HIV, em Imperatriz – Maranhão. *Rev. Gaúcha de Enfermagem*; vol. 34; n° 3; pg. 179- 186; Porto Alegre – RS; Set. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-14472013000300023&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472013000300023&lang=pt).

FARIAS JR, J.C. Comportamentos de risco relacionados à saúde em adolescentes. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**. Brasília, V.2 n. 1 p. 7-12 jan/mar, 2004

FREIRE, I.A; GOMES, E.M.A. O papel da família na prevenção ao uso de substâncias psicoativas. **Rev. Bras. Ci. Saúde**. 2012.

GAPA. Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS. **O que é a AIDS?** 2013. Disponível em:<<http://www.gapabrsp.org.br/aids.html>>.

GHERPELLI, M.H. B. V. Aeducação preventiva em sexualidade na adolescência. In: Serie Idéias,:**Papel da educação preventiva ao abuso de drogas e as DST/AIDS**. São Paulo, 1998.

HERBERT, M. **Convivendo com Adolescentes**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

LEVIA, G. C., VITÓRIA, M. A. **Fighting against AIDS: The Brazilian experience**. AIDS, 2003. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1097/00002030-20021206000001>>.

LOPES, M. V. O., FRAGA, M. N. O. Pessoas vivendo com HIV: Estresse e suas formas de enfrentamento. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 1998. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11691998000400010>>.

LUNA, I. T; SILVA, K. L; DIAS, F. L. A; FREITAS, M. M. C; VIEIRA, N. F. C; PINHEIRO, P. N. C. Ações Educativas Desenvolvidas por Enfermeiros Brasileiros com Adolescentes Vulneráveis às DSTs/AIDS. *Rev. Ciência y Enfermería*; vol. 18; nº 1; pg. 43-55; Conception - CHILE; Abr. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0717-95532012000100005](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532012000100005).

MAJOR, B., O'BRIAN, L. T. The social psychology of stigma. **Annual Review of Psychology**, 2005. Disponível em:< Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1146/annurev.psych.56.091103.070137>>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das DST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais**. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br>. Acesso em 24 set 2017.

MOREIRA et al. Ações educativas do enfermeiro na promoção da saúde sexual e reprodutiva do adolescente.**R. Interd.** v. 8, n. 3, p. 213-220, jul. ago. set. 2015

OLIVEIRA et al. Avaliação das estratégias de promoção à saúde dos adolescentes utilizadas por enfermeiros nas unidades de saúde do município de Caruaru – PE.**Adolesc. Saude**, Rio de Janeiro, v 10, n. 4, p. 7-16, out/dez 2013

PEREIRA, Bianca de Souza et al . Fatores associados à infecção pelo HIV/AIDS entre adolescentes e adultos jovens matriculados em Centro de Testagem e Aconselhamento no Estado da Bahia, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 3, p. 747-758, Mar. 2014 . Available from <<http://www.scielosp.org/scielo.php>. access on 23 Sept. 2017.

PONTES, A. D. M. **Evidências empíricas de um modelo teórico para explicar a noopsicossomática em pessoas vivendo com HIV/ AIDS.** Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

RIBEIRO, C. G., COUTINHO, M. da P. L., SALDANHA, A. A. W. Estudo das representações sociais sobre a AIDS por profissionais de saúde que atuam no contexto da soropositividade para o HIV. DST - **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, 2004.

SALOMÃO, M. L. M. **Necessidades de adolescentes atendidos em unidades básicas de saúde do município de São José do Rio Preto e suas demandas para o cuidado em saúde: encontros e desencontros.**2007. Tese (Medicina Preventiva) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SANTOS, E. et al. O enfermeiro na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes. In: **Good practices of nursing representations In the construction of society**, May 9-12, 2017.

SUIT, D., & PEREIRA, M. E. **Vivência de estigma e de enfrentamento em pessoas que convivem com HIV.** Psicologia USP, 2008. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642008000300004>>.

TAQUETTE, Stella Regina; RODRIGUES, Adriana de Oliveira; BORTOLOTTI, Livia Rocha. Percepção de pacientes com AIDS diagnosticada na adolescência sobre o aconselhamento pré e pós-teste HIV realizado. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 23-30, Jan. 2017. accesson 23 Sept. 2017

TAQUETTE, S. R; MATOS, H. J; RODRIGUES, A. O; BORTOLOTTI, L. R; AMORIM, E. A epidemia de AIDS em adolescentes de 13 a 19 anos, no município do Rio de Janeiro: descrição espaço-temporal. Rev. da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical; vol. 44; n° 4; pg. 467-470; Rio de Janeiro – RJ; jul. - ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsbmt/v44n4/13.pdf>. A

TIBA, I. **Sexo e Adolescência.** São Paulo: Atica, 1994.

UNIAIDS - Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS. **Epidemia de HIV nos países de língua oficial portuguesa.** 2012. Disponível em:<http://www.unaids.org.br/biblioteca/biblioteca.asp>.